

Clíticos e objetos nulos na aquisição de português L2¹

Alexandra Fiéis e Ana Madeira
CLUNL e FCSH/NOVA

Abstract:

This study investigates whether the acquisition of clitics in L2 Portuguese is characterised by high rates of omission, as has been observed in L1 acquisition. On the basis of production and comprehension data from three intermediate learner groups (speakers of English, Spanish and Chinese), we conclude that there is no evidence for a generalised omission strategy. Omission in L2 Portuguese appears to be determined both by properties of the learners' L1 and by specific properties of the grammar of Portuguese, and results from an overgeneralization of the null object construction, similarly to what has been argued for L1 Portuguese.

Keywords: L2 Portuguese, acquisition, clitics, null objects.

Palavras-chave: português L2, aquisição, clíticos, objetos nulos.

1. Introdução

Diversos estudos sobre a aquisição de L2 de clíticos em línguas românicas têm mostrado que estes pronomes não ocorrem sistematicamente nas produções iniciais dos falantes não nativos, os quais recorrem frequentemente a estratégias que permitem evitar o uso de clíticos, tais como a omissão e a substituição por um pronome forte ou por uma expressão nominal plena (e.g., Leonini & Beletti, 2004). No entanto, estas estratégias não são utilizadas da mesma forma em todas as línguas. Assim, os resultados de alguns estudos sugerem uma assimetria entre línguas como o italiano e o francês, por um lado, em que pelo menos alguns falantes não nativos

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto Crosslinguistic and Crosspopulation Approaches to the Acquisition of Dependencies, PTDC/MHC-LIN/4812/2012, financiado pela FCT-MCTES.



apresentam taxas elevadas de omissão (e.g., Leonini & Beletti, 2004; Grüter, 2005, 2006b; Grüter & Crago, 2011), e línguas como o espanhol, por outro lado, que se caracterizam por taxas reduzidas de omissão (Arche & Domínguez, 2011). Esta assimetria poderá dever-se a um ou a vários dos seguintes fatores:

(i) a idade dos aprendentes, que eram crianças, nos estudos de Grüter (2005, 2006b) e Grüter & Crago (2011), e adolescentes/adultos, no de Arche & Domínguez (2011); no entanto, os participantes no estudo de Leonini & Beletti (2004), que registaram taxas de omissão elevadas (com muita variação individual), também eram adultos;

(ii) a influência da L1, o que é sugerido pelas diferenças observadas nos dados de produção de falantes de línguas sem clíticos (chinês e inglês), por um lado, e de falantes de uma língua sem clíticos (espanhol), nos estudos de Grüter (2005, 2006b) e Grüter & Crago (2011); no entanto, os participantes no estudo de Arche & Domínguez (2011), que são falantes nativos de inglês, apresentam baixas taxas de omissão de clíticos;

(iii) limitações de processamento, que poderão explicar o contraste entre os dados de produção e de compreensão observado nos estudos de Grüter (2005, 2006b), Grüter & Crago (2011) e Arche & Domínguez (2011) (neste caso, apenas no grupo de nível intermédio) o qual, de modo geral, demonstra que os falantes não nativos não apresentam dificuldades na compreensão de clíticos, mesmos quando têm dificuldades de produção; no entanto, os resultados dos grupos de iniciação e avançado de Arche & Domínguez (2011) não revelam qualquer assimetria entre produção e compreensão;

(iv) propriedades específicas da L2, que poderão explicar as diferenças observadas na aquisição de francês e espanhol L2.

Uma assimetria idêntica tem sido observada, na aquisição de L1, entre línguas como italiano, catalão e francês, em que as crianças apresentam taxas elevadas de omissão em estádios iniciais (Schaeffer, 1997; Wexler, Gavarró & Torrens, 2004; Grüter, 2006a), e línguas como espanhol e romeno, em que se verifica pouca omissão (Wexler, Gavarró & Torrens, 2004; Babyonyshev & Marin, 2006). A Restrição de Verificação Única (Unique Checking Constraint), proposta por Wexler (1998), estabelece uma correlação entre omissão em estádios iniciais e a presença de concordância de participio passado na língua. Sendo este um princípio sujeito a maturação, as



limitações na produção de clíticos nas línguas com concordância participial explícita desaparecem por volta dos 3 anos, deixando a Restrição de Verificação Única de estar ativa em estádios de desenvolvimento posteriores. Esta restrição, no entanto, faz predicções incorretas para uma língua como o português, que não apresenta concordância explícita entre o participípio passado e o objeto, mas em que as taxas de omissão de clíticos observadas são bastante mais elevadas, e persistem até mais tarde, do que em línguas como o italiano, o catalão e o francês (e.g., Costa & Lobo, 2007, 2009). Estes autores colocam a hipótese de que esta omissão, que representa uma sobregeneralização da construção de objeto nulo disponível em português (Raposo, 1986), resulta de um efeito de complexidade do sistema, o qual se explica pelas propriedades especiais dos clíticos em português (o português europeu apresenta padrões de colocação de clíticos particulares, cujo conhecimento, de acordo com Costa, Fiéis & Lobo, 2014, se desenvolve tardiamente) e pela disponibilidade de objeto nulo. Assim, em português, a omissão de clíticos concorre com uma construção nula, podendo ocorrer uma sobregeneralização em contextos de ilha, em que o objeto nulo não é permitido na língua adulta.

Ao contrário do que acontece em português L1, os clíticos são produzidos desde os estádios iniciais em português L2; além disso, a análise de um pequeno *corpus* de aprendentes adultos, falantes nativos de línguas românicas e germânicas (Madeira & Xavier, 2009), sugere que a omissão poderá ser uma estratégia pouco frequente em português L2 (a taxa de omissão registada neste *corpus* foi de 4,7%). De acordo com Madeira & Xavier (2009), o conhecimento dos padrões de colocação dos clíticos desenvolve-se gradualmente, não se verificando efeitos de influência da L1 significativos. À semelhança do que tem sido descrito para o português L1 (e.g., Costa, Fiéis & Lobo, 2014), assiste-se, nos níveis iniciais, a uma sobregeneralização da ênclise (embora, no caso do português L2, se observe variação entre os dois padrões de colocação em todos os contextos). Isto contrasta com o que se sabe sobre a aquisição de clíticos noutras línguas românicas, em que, a partir do momento em que os clíticos começam a ocorrer sistematicamente, não se observam desvios nos padrões de colocação (e.g., Leonini & Beletti, 2004).

Uma vez que o percurso de desenvolvimento dos padrões de colocação dos clíticos parece ser idêntico em português L1 e L2, a aquisição deste fenómeno é, aparentemente, determinada por propriedades gramaticais particulares da língua alvo. O estudo que descrevemos neste artigo



pretende investigar se, também à semelhança do que acontece na aquisição de L1, se verificam taxas elevadas de omissão de clíticos em português L2 e, em caso afirmativo, se esta omissão está relacionada com propriedades particulares do português, designadamente os padrões de colocação dos clíticos e, em especial, a construção de objeto nulo. Interessa-nos, assim, mostrar como a comparação do desenvolvimento de uma mesma propriedade em populações diferentes, crianças L1 e adultos L2, através de um estudo em que se aplica, para a aquisição de L2, a mesma metodologia que foi utilizada para a aquisição de L1 em estudos anteriores, pode contribuir para uma melhor compreensão dos fatores que tornam determinados fenómenos sintáticos de aquisição mais ou menos tardia, como é o caso dos clíticos em português.

Deste modo, partindo de dados de produção e de compreensão, pretende-se contribuir para uma resposta às seguintes questões:

(i) Observam-se tendências idênticas na aquisição de clíticos em português L1 e L2 (no que diz respeito à omissão) ou observa-se um efeito de influência da L1 na aquisição de clíticos em português L2?

(ii) Se se verifica omissão de clíticos em português L2, esta omissão poderá ser determinada por propriedades particulares do português, em particular as propriedades especiais dos clíticos e a disponibilidade de objetos nulos?

O artigo está organizado do seguinte modo: na secção seguinte apresentamos a metodologia do estudo; os resultados são descritos na secção 3 e a discussão e as conclusões são apresentados na secção 4.

2. Metodologia

2.1. Participantes

Participaram no estudo 30 estudantes universitários, que frequentavam um curso de verão ou um curso semestral de português para estrangeiros, nível B1, numa universidade portuguesa. O estudo incluiu também um grupo de controlo, constituído por 10 falantes nativos de português europeu. As características dos participantes estão descritas na tabela 1 abaixo.



L1	Idade	Outras L2	N.º de participantes
Inglês	20-46 (24;8)	Espanhol (n=6); Francês (n=2); Espanhol/Francês (n=2)	10
Espanhol	21-57 (30;3)	Inglês (n=5); Francês (n=1); Inglês/Francês (n=1); Inglês/Basco (n=1)	10
Chinês	19-22 (19;8)	Inglês (n=9)	10
Controlos	27-62 (36;1)	-	10

Tabela 1: Caracterização dos participantes no estudo

A inclusão de falantes nativos de três línguas diferentes, inglês, espanhol e chinês, justificou-se pelas características distintas destas línguas relativamente aos fenómenos em estudo. Assim, enquanto o inglês não possui clíticos nem objetos nulos, o chinês é uma língua de objeto nulo, mas sem clíticos, e o espanhol tem clíticos com propriedades idênticas às do português, mas não objetos nulos². Estas diferenças entre as línguas permitem investigar o efeito de influência da L1 na aquisição de clíticos em português L2. Embora originalmente pretendêssemos realizar o estudo com aprendentes de nível de iniciação/elementar, por ser este o nível em que se esperaria encontrar mais omissão, acabou por se optar por incluir apenas aprendentes de nível intermédio (B1), a fim de se poder aplicar a mesma metodologia utilizada com crianças em estudos anteriores sobre a aquisição de português L1.

2.2. Tarefas

Recorreu-se a três tarefas, que foram adaptadas para falantes adultos: duas tarefas de produção induzida (aplicadas originalmente no âmbito do projeto COST Action IS0804); e uma tarefa de juízos de valor de verdade (Costa & Lobo, 2009, adaptada de Grüter, 2006a).

² Os objetos nulos são possíveis em espanhol, mas com uma interpretação muito restrita (não referencial e não contável, de acordo com Campos, 1986).



As tarefas foram realizadas em grupo. Em todas elas, os participantes observavam uma imagem projetada e, ao mesmo tempo, os estímulos eram apresentados oralmente e por escrito. As respostas eram registadas numa folha de resposta por cada um dos participantes.

2.2.1. Tarefas de produção

A primeira tarefa de produção induzida incide sobre pronomes clíticos não reflexos de 3.^a pessoa em frases simples. A tarefa inclui 12 itens de teste. É mostrada uma imagem, ao mesmo tempo que as personagens são apresentadas. Os participantes ouvem (e leem) depois uma pergunta, que introduz o tópico discursivo que deve ser retomado na resposta, procurando-se, assim, desencadear a produção de um clítico acusativo não reflexo de 3.^a pessoa (ver exemplo na figura 1). O teste inclui também 10 itens de controlo, que induzem a produção de DP plenos.



Estímulo: “Temos aqui uma mãe e uma filha. O que é que a mãe está a fazer à filha?”
Resposta alvo: “Está a penteá-la.”

Figura 1: Exemplo de item da tarefa de produção de clíticos em frases simples

A segunda tarefa visa induzir também a produção de clíticos acusativos não reflexos de 3.^a pessoa do singular, mas em contexto de ilha. É constituída por 12 itens de teste com um formato idêntico ao da primeira tarefa, mas desta vez é dado aos participantes o início da resposta, que eles deverão completar (veja-se o exemplo na figura 2). Esta tarefa inclui ainda 10 itens de controlo com pronomes reflexos de 3.^a pessoa do singular em contexto de frase simples.





Estímulo: “A rapariga apanhou a borboleta e a borboleta não pode voar. Porque é que a borboleta não pode voar? A borboleta não pode voar porque a rapariga...”
Resposta alvo: “... a apanhou.”

Figura 2: Exemplo de item da tarefa de produção de clíticos em contexto de ilha

2.2.2. Tarefa de juízos de valor de verdade

Esta tarefa visa testar a compreensão de clíticos e objetos nulos com verbos que permitem usos transitivos e intransitivos (e.g., *mergulhar*, *adormecer*, *baloiçar*, *acordar*), em contexto de frase simples e de ilha. Neste artigo, concentramo-nos nos resultados relativos às seguintes condições experimentais³:

- (a) Verbos intransitivos em frases simples (4 itens)
- (b) Objetos nulos em frases simples (4 itens)
- (c) Clíticos em frases simples (4 itens)
- (d) Verbos intransitivos em contexto de ilha (4 itens)
- (e) Objetos nulos em contexto de ilha (4 itens)
- (f) Clíticos em contexto de ilha (4 itens)

O procedimento é idêntico ao das tarefas de produção: os participantes ouvem (e leem) um estímulo, que, neste caso, apresenta a situação representada pela imagem inicial e antecipa o que irá acontecer na 2^a imagem. Quando se apresenta a 2^a imagem, é feita uma afirmação acerca do

³ Esta tarefa é constituída por um total de 24 itens. Foram ainda testadas as seguintes 4 condições experimentais, cujos resultados não serão discutidos neste artigo: DP supérfluos em frases simples (4 itens); clíticos supérfluos em frases simples (4 itens); DP supérfluos em contexto de ilha (2 itens); clíticos supérfluos em contexto de ilha (2 itens).



que está a ocorrer nessa imagem, tendo os participantes de indicar se a afirmação é verdadeira ou falsa.

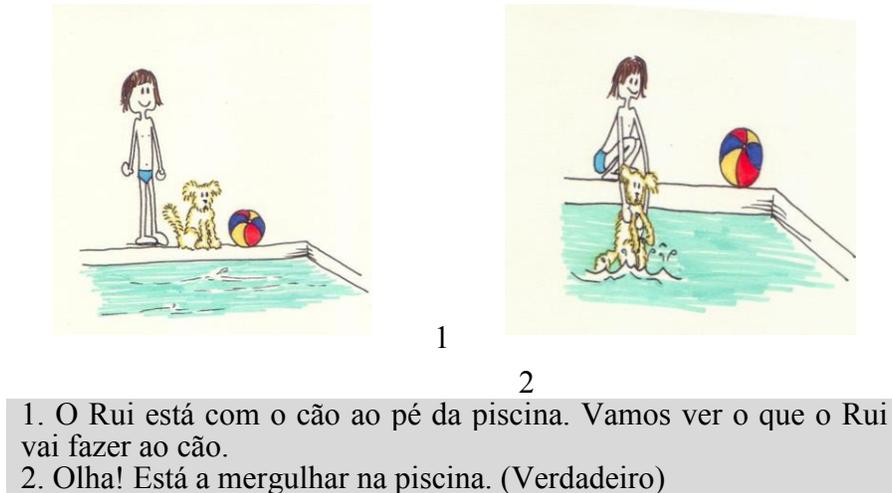


Figura 3: Exemplo de item da tarefa de juízos de valor de verdade

2.3. Hipóteses

Uma vez que pretendemos perceber se existem tendências de desenvolvimento comuns a todos os aprendentes ou se, em alternativa, as diferentes propriedades das L1, descritas em 2.1., desempenham um papel na aquisição de clíticos em português L2, foram testadas as seguintes hipóteses:

(1) Se a aquisição de clíticos em L2 é influenciada por propriedades particulares da gramática do português (nomeadamente, a existência de objetos nulos e os padrões de colocação dos clíticos), observar-se-ão taxas de omissão igualmente elevadas em todos os grupos, tanto em produção como em compreensão (à semelhança do que se observa em português L1).

(2) Se a aquisição de clíticos é determinada por propriedades das L1 dos aprendentes, observar-se-ão diferenças entre os três grupos de aprendentes, com as taxas de omissão mais elevadas no grupo de chinês L1 e as menos elevadas no grupo de inglês L1, tanto em produção como em compreensão⁴.

⁴ Em alternativa, esperar-se-ia que cada grupo de L1 recorresse a estratégias diferentes: por exemplo, produção precoce de clíticos, no caso do grupo de espanhol L1; omissão, no caso do grupo de chinês L1; e substituições (por pronomes fortes ou DP), no caso do grupo de inglês L1.



(3) Se a omissão de clíticos em L2 corresponde a uma sobregeneralização da construção de objeto nulo, observar-se-ão taxas de omissão mais elevadas em contexto de frase simples do que em contexto de ilha e não se observarão diferenças entre produção e compreensão.

3. Resultados

3.1. Tarefa de produção de clíticos em frases simples

Entre os grupos de aprendentes de português L2, o grupo de chinês foi aquele que apresentou a taxa de não resposta mais elevada na tarefa de produção de clíticos em frases simples (22,5% do total de respostas), tendo os grupos de inglês e espanhol registado taxas de não resposta de 4,2% e 1,7%, respetivamente. Representam-se na figura 4 os resultados desta tarefa. As percentagens são calculadas sobre o total de respostas efetivas.

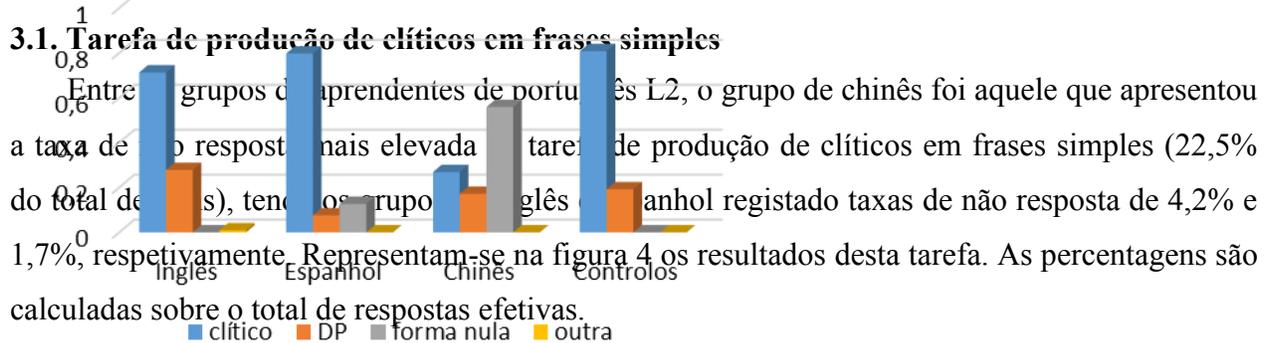


Figura 4: Resultados da tarefa de produção em contexto de frase simples

Observa-se um contraste claro entre os resultados dos grupos de inglês L1 e espanhol L1, por um lado, que apresentam um comportamento próximo do dos controlos, e os do grupo de chinês L1. Assim, os primeiros dois grupos manifestam uma forte preferência pela produção de clíticos (71,3% no grupo de inglês e 79,7% no de espanhol, valores próximos da taxa de 80,8% registada pelo grupo de controlo); nestes dois grupos, apenas 2 participantes do grupo de espanhol omitem clíticos e um deles só produz omissões (a taxa de omissão neste grupo é de 12,7%). O grupo de chinês, pelo contrário, distingue-se claramente quer dos outros dois grupos de aprendentes quer do grupo de controlo, porque apresenta uma taxa mais reduzida de produção de clíticos (26,9%) e uma taxa mais elevada de omissão (55,9%). Este grupo regista também maior variação individual do que os outros grupos: dos 10 participantes, há 5 que preferem claramente a omissão (3 deles não produzem qualquer clítico) e 2 que demonstram uma preferência evidente por clíticos, um dos quais não apresenta qualquer omissão.

A outra estratégia a que os participantes recorrem é o uso de DP plenos. Esta estratégia ocorre em todos os grupos, em particular no de inglês (27,8%) (2 dos participantes usam exclusivamente esta estratégia), no de chinês (17,2%) e no de controlo (19,2%) (neste grupo, esta estratégia é utilizada por apenas 2 informantes, que a usam exclusivamente).



A produção de ênclise é de 100% em todos os grupos.

3.2. Tarefa de produção de clíticos em contexto de ilha

Na figura 5, apresenta-se os resultados da tarefa de produção em contexto de ilha. Novamente, as percentagens são calculadas sobre o total de respostas efetivas (as taxas de não resposta foram de 6,7% no grupo de chinês L1 e de 0,8% no grupo de espanhol L1).

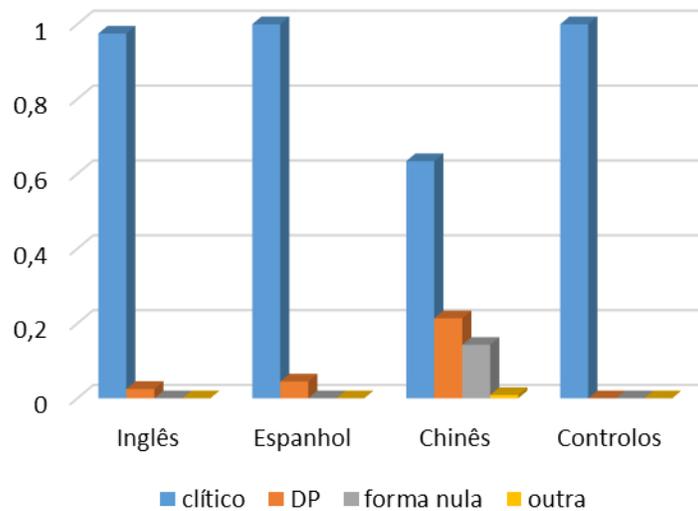
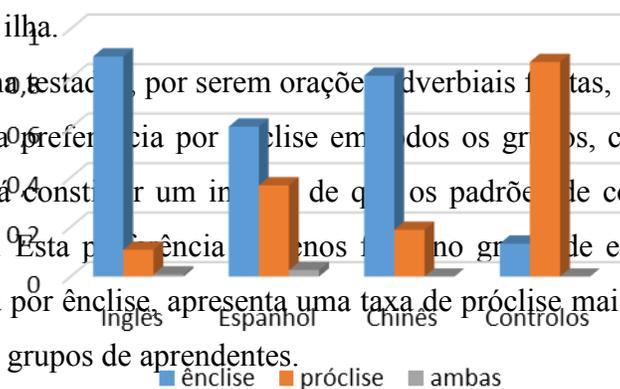


Figura 5: Resultados da tarefa de produção em contexto de ilha

Nesta tarefa, todos os grupos manifestam uma preferência por clíticos, ligeiramente menos marcada no grupo de chinês L1 do que nos restantes grupos (97,5% no grupo de inglês L1, 95,8% no grupo de espanhol L1, 63,4% no grupo de chinês L1 e 100% no grupo de controlo). O grupo de chinês L1 distingue-se ainda dos outros grupos por recorrer a uma maior diversidade de opções, nomeadamente, substituição por DP plenos (21,4%) e omissão (14,3%); este grupo regista ainda uma ocorrência de pronome forte. Quanto à taxa de omissão, no entanto, observa-se uma redução considerável, em comparação com a que se observa em frases simples (que foi de 55,9%). Além disso, dos 10 participantes do grupo de chinês L1, apenas 3 realizam omissão e, das 16 ocorrências de omissão registadas, 12 delas são produzidas por um único participante. Nos restantes grupos, a taxa de omissão é de 0%, o que significa que mesmo os dois participantes do grupo de espanhol L1 que produziram omissão em frase simples produzem predominantemente clíticos em contexto de ilha.

Os contextos de ilha, testados, por serem orações adverbiais finitas, são contextos de próclise. Regista-se, porém, uma preferência por ênclise em todos os grupos, com exceção do grupo de controlo⁵, o que poderá constituir um indicador de que os padrões de colocação dos clíticos não estão ainda adquiridos. Esta preferência é menos marcada no grupo de espanhol L1, que, embora mantendo a preferência por ênclise, apresenta uma taxa de próclise mais elevada do que o que se verifica nos outros dois grupos de aprendentes.



⁵ O grupo de controlo regista uma taxa de ênclise de 13,3%. Este facto poderá refletir a tendência que se observa no português europeu contemporâneo para generalizar a ênclise em determinados contextos, um dos quais são as orações subordinadas finitas. Este facto levanta também questões relativamente à natureza do *input* a que os falantes não nativos do nosso estudo estão expostos, o que poderá contribuir para explicar os resultados apresentados na figura 6.



Figura 6: Padrões de colocação dos clíticos em ilhas

3.3. Tarefa de juízos de valor de verdade

A figura 7 apresenta as taxas de acerto das respostas dos quatro grupos, em contexto de frase simples.

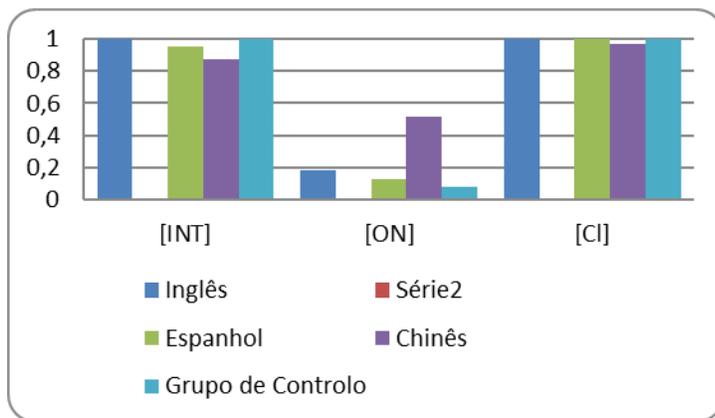


Figura 7: Taxas de acerto da tarefa de juízos de valor de verdade

[INT] = verbos intransitivos em frase simples; [ON] = objetos nulos em frase simples; [CI] = clíticos em frase simples

Observa-se que os grupos de falantes não nativos não têm dificuldade em distinguir transitividade de intransitividade. Com verbos intransitivos, os resultados são (próximos do) alvo em todos os grupos. Com os verbos transitivos, observa-se uma aceitação de clíticos que ronda os 100% em todos os grupos. Recorde-se que, nos dados de produção em frase simples, embora os grupos de inglês e espanhol L1 tenham manifestado preferência por clíticos, se registaram taxas de produção menos elevadas em todos os grupos; em particular, no grupo de chinês L1, o contraste entre produção (26,9%) e compreensão (96,6%) é muito evidente. Finalmente, os dados



relativos aos objetos nulos exibem as mesmas tendências que se observaram na produção: observa-se baixa aceitação por parte de todos os grupos (incluindo o grupo de controlo), com exceção do grupo de chinês L1, que regista uma taxa de acerto (ou seja, de aceitação) de 51,8%.

Na figura 8, apresentam-se as taxas de acerto das respostas dos quatro grupos, em contexto de ilha.

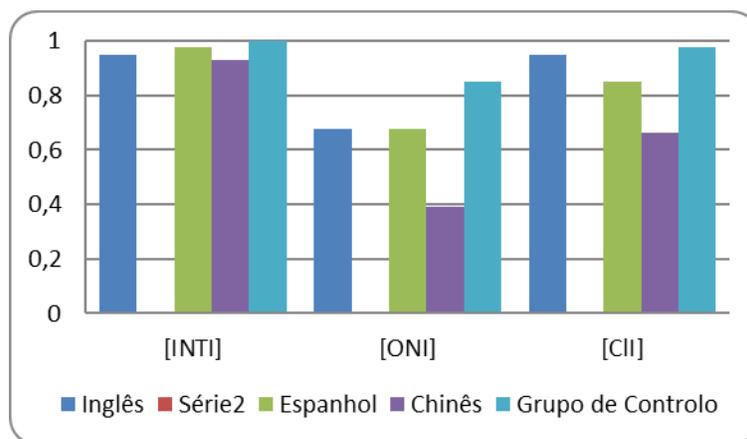


Figura 8: Taxas de acerto da tarefa de juízos de valor de verdade

[INTI] = verbos intransitivos em contexto de ilha; [ONI] = objetos nulos em contexto de ilha;
[CII] = clíticos em contexto de ilha

Mantêm-se aqui as taxas elevadas de aceitação de clíticos que se observaram nos dados de produção neste contexto. No entanto, a taxa de aceitação de clíticos em ilhas, no grupo de chinês L1, é mais baixa do que em frases simples (66,1% contra 96,6%), ao contrário do que se verificou em produção (63,4% contra 26,9%).

No caso dos objetos nulos, os grupos de inglês e espanhol L1 apresentam taxas de acerto elevadas, o que significa que, à semelhança do grupo de controlo, estes grupos rejeitam objetos



nulos neste contexto. A exceção é novamente o grupo de falantes de chinês, que apresenta uma taxa de acerto mais baixa do que a dos outros grupos, o que demonstra que este é o grupo que revela maior tendência para aceitar objetos nulos nestes contextos – não se observam diferenças relativamente ao contexto de frase simples (em que apresentava uma taxa de aceitação de 51,8%, próxima da taxa de aceitação de 60,7% que apresenta em contexto de ilha). Este resultado, no entanto, contrasta claramente com o dos dados de produção, em que, em contexto de ilha, o grupo de chinês L1 apresentava uma taxa de 14,3%.

4. Discussão e conclusões

De modo geral, verificou-se que, em produção, todos os grupos realizam clíticos, embora o grupo de chinês L1 apresente taxas mais baixas de realização. Observa-se também uma assimetria clara relativamente à omissão do clítico: os grupos de inglês e espanhol L1 registam taxas nulas ou muito baixas de omissão, enquanto o grupo de chinês L1 apresenta taxas mais elevadas de omissão, que decrescem significativamente em contexto de ilha. Em contexto de frase simples, este é também o grupo em que se verifica maior variação individual: enquanto alguns aprendentes favorecem a realização de clíticos, outros preferem formas nulas e outros não demonstram uma preferência clara por qualquer uma das duas opções.

As assimetrias que se observam entre os grupos apontam para a existência de efeitos de transferência da L1. No caso dos falantes de inglês L1, o facto de estes exibirem um comportamento idêntico ao do grupo de espanhol L1, apesar de o inglês não possuir clíticos, poderá dever-se a efeitos de influência de outras L2 (recorde-se que todos os participantes deste grupo têm línguas com clíticos como L2)⁶.

Além disso, as assimetrias que se observam entre os contextos de frase simples e de ilha sugerem que as omissões de clítico poderão corresponder a objetos nulos. Recorde-se que, em contexto de ilha, nos grupos que produzem omissão em frase simples, a omissão desaparece (no caso do grupo de espanhol L1) ou diminui drasticamente (no caso do grupo de chinês L1). Além

⁶No entanto, note-se que também os participantes no estudo de Arche & Domínguez (2011), que são falantes nativos de inglês, apresentam baixas taxas de omissão de clíticos em espanhol L2.



disso, verificou-se que apenas 3 participantes deste segundo grupo apresentam omissões em contexto de ilha e, das 16 omissões registradas, 12 são produzidas por um único participante.

Quanto aos resultados da tarefa de juízos de valor de verdade, verificou-se que também todos os grupos aceitam clíticos nos dois contextos, mantendo-se a separação entre os grupos de inglês e espanhol L1, por um lado, e o grupo de chinês L1, por outro, relativamente às taxas de omissão do objeto. No entanto, nesta tarefa não ocorrem assimetrias na aceitação, por parte do grupo de chinês L1, de objetos nulos em frases simples e em contexto de ilha.

Tendo utilizado a mesma metodologia que foi usada em estudos anteriores para investigar a aquisição de clíticos em português L1, vamos agora comparar os resultados de L1 e de L2. Os dados apresentados na tabela 2 permitem-nos estabelecer uma comparação quanto à produção e omissão de clíticos em frase simples e em contexto de ilha. Os dados de L1 são os descritos em Costa & Lobo (2007) e referem-se ao grupo dos 4 anos.

Condição testada	L2			L1
	Inglês L1	Espanhol L1	Chinês L1	Português (Costa & Lobo, 2007)
CI (frase simples)	71,3%	79,7%	26,9%	4,8%
ON (frase simples)	0%	12,7%	55,9%	76,2%
CI (ilha)	97,5%	95,8%	63,4%	0%
ON (ilha)	0%	0%	14,3%	34,8%

Tabela 2: Comparação entre os dados de produção de português L2 e de L1

Observamos que as taxas de produção de clíticos são consideravelmente mais elevadas em todos os grupos de L2 (particularmente nos grupos de inglês e espanhol L1) do que em L1 e, de igual modo, as taxas de omissão são muito mais baixas (também em especial nos grupos de inglês e espanhol L1). À semelhança das crianças, o grupo de L2 que apresenta taxas mais elevadas de omissão, ou seja, o grupo de falantes de chinês, regista uma diminuição significativa na taxa de omissões em contexto de ilha relativamente ao contexto de frase simples.



Quanto à compreensão, quando comparamos os dados do nosso estudo com os de Costa e Lobo (2009) (idade média das crianças: 4;4), verificamos tendências idênticas no que diz respeito à aceitação de clíticos, já que as crianças apresentam taxas elevadas de aceitação de clíticos, que são próximas das taxas observadas em L2 (cf. tabela 3). Quer em L1 quer em L2 (neste último caso, apenas em contexto de frase simples e de forma mais marcada no grupo de chinês L2), observa-se uma clara assimetria entre produção e compreensão, na medida em que as taxas de aceitação de clíticos são significativamente mais elevadas do que as taxas de produção. No que diz respeito à omissão, registam-se diferenças evidentes entre os grupos: as crianças registam taxas consideravelmente mais elevadas de aceitação de omissão em frases simples, sendo esta diferença mais marcada comparativamente aos grupos de inglês e espanhol L1 do que ao grupo de chinês L1; e mantêm taxas mais de acerto mais baixas em contexto de ilha (o que se traduz numa maior aceitação de omissão), sendo as taxas semelhantes às do grupo de chinês L1.

Condição testada	L2			L1
	Inglês L1	Espanhol L1	Chinês L1	Português (Costa & Lobo, 2009)
[CI]	100%	100%	96,6%	97,4%
[ON]	17,5%	12,5%	51,8%	80%
[CII]	95%	85%	66,1 %	97,4% ⁷
[ONI]	67,5%	67,5%	39,3%	30%

Tabela 3: Comparação entre os dados de compreensão de português L2 e de L1 (taxas de acerto)

Verificamos, pois, que o comportamento do grupo de chinês L1, que, de acordo com o que observámos na secção anterior, contrasta com os outros dois grupos de falantes não nativos, se aproxima do comportamento das crianças, no que diz respeito à omissão de clíticos, o que poderá

⁷ Os clíticos em frases simples e em ilhas estão incluídos na mesma condição de teste em Costa e Lobo (2009).



indiciar que estamos perante o mesmo fenómeno, i.e., uma sobregeneralização da construção do objeto nulo (Costa & Lobo, 2009). O facto de o grupo de chinês L1 exibir, de modo geral, taxas de omissão mais baixas do que as que se observam em português L1 poderá estar relacionado com o seu nível de proficiência: sendo um grupo de nível intermédio, espera-se que, neste nível, a omissão de clíticos comece já a diminuir; seria necessário investigar aprendentes num nível elementar e verificar se, neste nível, registam níveis elevados de omissão de clíticos para podermos chegar a conclusões mais seguras sobre se se trata do mesmo fenómeno ou não.

Como vimos na secção 1, a aquisição de clíticos em português L1 apresenta diferenças importantes relativamente à aquisição de clíticos em outras L1. Vamos agora comparar os resultados do nosso estudo com dados da aquisição de outras L2, para tentarmos perceber se o mesmo se verifica na L2. As tabelas 4 e 5 comparam os nossos dados de produção e de compreensão, respetivamente, em contexto de frase simples, com os obtidos em dois estudos que incluíam aprendentes com as mesmas L1 que os participantes no nosso estudo, nomeadamente Grüter (2005) (idade média dos aprendentes: 6;8) e Grüter & Crago (2011) (idade média dos aprendentes: 8;2).

Condição testada	Inglês L1/Fr L2*	Inglês L1/Pt L2	Espanhol L1 /Fr L2**	Espanhol L1/ Pt L2	Chinês L1/Fr L2**	Chinês L1/Pt L2
CI	24.4%	71,3%	68.6%	79,7%	42.3%	26,9%
ON	53.7%	0%	6.2%	12,7%	43.7%	55,9%

Tabela 4: Comparação entre os dados de produção de português L2 e de francês L2

* Resultados de Grüter, 2005; ** Resultados de Grüter & Crago, 2011



Condição testada	Inglês L1/Fr L2*	Inglês L1/Pt L2	Espanhol L1 /Fr L2**	Espanhol L1/ Pt L2	Chinês L1/Fr L2**	Chinês L1/Pt L2
[CI]	64,3%	100%	77%	100%	70%	96,6%
[ON] ⁸	23,2%	17,5%	100%	12.5%	93%	51,8%

Tabela 5: Comparação entre os dados de compreensão de português L2 e de francês L2 (taxas de acerto)
* Resultados de Grüter, 2005; ** Resultados de Grüter & Crago, 2011

O grupo de inglês L1 é o que apresenta mais diferenças: os aprendentes de português L2 registam taxas mais elevadas de produção e de aceitação de clíticos do que os aprendentes de francês L2 e, simultaneamente, taxas mais baixas de omissão nos dados de produção. Ao contrário do que verificámos no nosso estudo, em que o grupo de inglês L1 apresenta um comportamento idêntico ao do grupo de espanhol L1, nos dois estudos sobre a aquisição de francês L2 estes grupos apresentam comportamentos claramente distintos, já que o grupo de espanhol L1 apresenta taxas elevadas de produção/aceitação de clíticos e taxas baixas de omissão/aceitação de formas nulas. No entanto, como referimos acima, é possível que o comportamento do nosso grupo de inglês L1 se deva ao facto de que todos estes falantes tinham pelo menos uma língua com clíticos como L2.

O grupo de chinês L1 do nosso estudo, por seu turno, apresenta taxas de acerto mais elevadas do que as de Grüter & Crago (2011), no que diz respeito à aceitação de clíticos (mas taxas de produção mais baixas); por outro lado, relativamente à omissão, registam-se taxas de produção e de aceitação mais elevadas em português do que em francês⁹. Estes resultados sugerem que o comportamento destes aprendentes evidencia quer um efeito de influência da sua L1 (que permite objetos nulos) quer conhecimento das propriedades da L2 relativamente à possibilidade de objetos nulos. Estes dois fatores poderão estar relacionados, na medida em que será a presença de objetos nulos na L1 dos aprendentes que facilita o reconhecimento e a aquisição de objetos nulos

⁸ Recorde-se que o francês, ao contrário do português, não permite objetos nulos, pelo que as taxas de acerto, nos dados de Grüter (2005) e Grüter & Crago (2011), correspondem a taxas de rejeição das estruturas com omissão de clítico.

⁹ A outra estratégia a que os participantes no estudo de Grüter & Crago (2011) recorrem é também o uso de DP lexicais (14% do grupo de chinês L1 e 24,5% do de espanhol L1).



em português, favorecendo a sua sobregeneralização em contextos em que estes competem com clíticos¹⁰.

Assim, os resultados do nosso estudo corroboram parcialmente a hipótese 1, segundo a qual a aquisição de clíticos seria determinada por propriedades particulares da gramática do português. Embora não tenhamos observado taxas de omissão de clíticos igualmente elevadas em todos os grupos, tanto em produção como em compreensão, identificámos diferenças entre o grupo de falantes de chinês do nosso estudo e o grupo de Grüter & Crago (2011), que sugerem que as propriedades da L2 influenciam o percurso de aquisição dos pronomes clíticos. Ao mesmo tempo, os nossos resultados relativos aos padrões de colocação dos clíticos confirmam que, mesmo no nível intermédio, se observa ainda a generalização de ênclise a contextos de próclise em todos os grupos, fenómeno este que não se verifica na aquisição de outras línguas românicas e que pode ser atribuído a propriedades específicas do português (Madeira & Xavier, 2009).

Por outro lado, os resultados apoiam também a hipótese 2, indicando que a aquisição de clíticos é determinada por propriedades das L1 dos aprendentes. O efeito da L1 é evidente nas diferenças que se observaram entre os grupos, com taxas de produção de clíticos mais elevadas no grupo de espanhol L1 do que no de chinês L1 e taxas de (aceitação de) omissão mais elevadas no segundo grupo do que no primeiro. Os resultados do grupo de inglês L1 sugerem que a fonte da influência não é necessariamente a L1, podendo ser uma outra L2 que o falante tenha adquirido. Tanto a presença de clíticos como a presença de objetos nulos na língua previamente conhecida parecem constituir fatores relevantes.

Relativamente à hipótese 3, tanto o contraste entre os resultados do nosso estudo e o de Grüter & Crago (2011), como foi referido acima, como os resultados das tarefas de produção descritos em 3.1. e 3.2. (nomeadamente, as assimetrias observadas entre o contexto de frase simples e o contexto de ilha) sugerem que a omissão de clíticos em português L2 corresponde a uma sobregeneralização da construção de objeto nulo. De facto, nos dados de produção

¹⁰ Um outro fator que poderá ser relevante é a idade dos aprendentes (que são crianças no estudo de Grüter & Crago, 2011, e adultos no nosso estudo).



observaram-se, no grupo de chinês L1 (e, em menor medida, também no grupo de espanhol L2), taxas de omissão mais elevadas em contexto de frase simples do que em contexto de ilha.

No entanto, os dados de compreensão revelam taxas de aceitação de omissão idênticas nos dois contextos. Relativamente à omissão, também o grupo de controlo revela um comportamento diferente do esperado: não só não produz objetos nulos (revelando uma forte preferência pela construção com clítico), como também apresenta uma taxa de acerto muito baixa na condição de objeto nulo em frases simples na tarefa de juízos de valor de verdade (7,5%). Aparentemente, o estímulo escolhido (ver o exemplo na figura 4 acima: “Vamos ver o que o Rui vai fazer ao cão. Olha! Está a mergulhar na piscina.”) não determina uma resposta transitiva. No entanto, os resultados do nosso grupo de controlo nesta tarefa contrastam com os do grupo de controlo de Costa & Lobo (2009), que apresenta uma taxa de acerto de 92%. Esta diferença poderá resultar de um efeito da modalidade da tarefa (em particular do facto de que, enquanto, em Costa & Lobo (2009), o estímulo foi apresentado apenas oralmente, no nosso estudo foi apresentado quer oralmente quer por escrito). Perante os resultados do grupo de controlo, porém, torna-se problemático retirar conclusões acerca do estatuto da omissão nas gramáticas dos aprendentes de português L2 a partir dos dados obtidos neste estudo. Seria, pois, interessante, investigar esta questão recorrendo a uma metodologia diferente.

Os resultados do estudo levantam, ainda, várias outras questões que deverão ser exploradas em trabalho futuro. Por exemplo, uma outra questão refere-se ao papel desempenhado por outras L2 na aquisição de clíticos em português L2 e, também, ao efeito da idade – será que as crianças apresentam padrões idênticos aos observados nos adultos (ver nota 10)? Finalmente, para entendermos quais os padrões de desenvolvimento destas propriedades, será necessário investigar a evolução do desempenho de aprendentes de português L2 considerando outros níveis de proficiência.



References

- Arche, María & Laura Domínguez (2011) Morphology and syntax dissociation in SLA: a study on clitic acquisition in Spanish. In A. Galani, G. Hicks & G. Tsoulas (eds.) *Morphology and its Interfaces. Linguistik Aktuell/Linguistics Today (178)*. Amsterdam: John Benjamins, 291-320.
- Babyonyshev, Maria & Stefania Marin (2006) Acquisition of pronominal clitics in Romanian. *Catalan Journal of Linguistics* 5, 17-44.
- Campos, Héctor (1986) Indefinite object drop. *Linguistic Inquiry* 17, 354-9.
- Costa, João & Maria Lobo (2007) Clitic Omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese? In S. Baauw, F. Drijkonongen & M. Pinto (orgs.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2005*. Amsterdam: John Benjamins, 59-72.
- Costa, João & Maria Lobo (2009) Clitic omission in the acquisition of European Portuguese: Data from comprehension. In A. Pires & J. Rothman (orgs.) *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 63-84.
- Costa, João, Alexandra Fiéis and Maria Lobo (2014) Input variability and late acquisition: clitic misplacement in European Portuguese. *Lingua* (2014). <http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2014.05.009>
- Grüter, Theres (2005) Comprehension and production of French object clitics by child second language learners and children with Specific Language Impairment. *Applied Psycholinguistics* 26, 363-391.
- Grüter, Theres (2006a) *Object Clitics and Null Objects in the Acquisition of French*. PhD Dissertation, McGill University, Montreal.
- Grüter, Theres (2006b) Object (clitic) omission in L2 French: Mis-setting or missing surface inflection? In M. Grantham O'Brien, C. Shea & J. Archibald (orgs.) *Proceedings of the 8th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2006)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 63-71.



- Grüter, Theres & Martha Crago (2011) Object clitics and their omission in child L2 French: The contributions of processing limitations and L1 transfer. *Bilingualism: Language and Cognition*, 1-19. doi:10.1017/S1366728911000113.
- Leonini, Chiara & Adriana Belletti (2004) Adult L2 Acquisition of Italian Clitic Pronouns and ‘Subject Inversion’/VS Structures. In J. van Kampen & S. Baauw (orgs.) *Proceedings of GALA2003, LOT-Occasional Series 3*, vol. 2.
- Madeira, Ana & Maria Francisca Xavier (2009) The Acquisition of Clitic Pronouns in L2 European Portuguese. In A. Pires & J. Rothman (orgs.) *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 273-300.
- Raposo, Eduardo (1986) On the null object in European Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalan (orgs.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 373-390.
- Schaeffer, Jeannette (1997) *Direct Object Scrambling in Dutch and Italian Child Language*. UCLA Dissertations in Linguistics 17.
- Wexler, Kenneth (1998) Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua* 106, 23-79.
- Wexler, Kenneth, Anna Gavarró & Vicenç Torrens (2004) Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish. In R. Bok-Bennema, B. Hollebrandse, B. Kampers-Manhe & P. Sleeman (orgs.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2002*. Amsterdam: John Benjamins, 253-70.

